



BIBLIOTECAS
MUNICIPAIS
DE LISBOA

TIRO E SPORT: REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ACTUALIDADES – Publicou-se em Lisboa, entre 15 de janeiro de 1904 e 30 de junho de 1913, totalizando mais de **250 números**¹. Começou como quinzenário, disponibilizado à leitura nos dias 15 e 30 de cada mês; mas a partir de janeiro de 1908 acelerou o ritmo para três edições por mês, que saíam nos dias 10, 20 e 30.

Como é assumido no cabeçalho, a revista resultou da **fusão do jornal *O Tiro Civil* (1895-1903)² com a *Revista de Sport* (1903)³**, pelo que na contagem do número de edições deu prosseguimento ao primeiro título, começando com o n.º 274. Essa relação de continuidade encontrava, provavelmente, a sua justificação no facto de *A Tiro e Sport* assumir a função de órgão oficial da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*⁴, que manteve até 30 Junho de 1906.

O seu corpo dirigente começou por integrar elementos das duas publicações anteriores: **Anselmo de Sousa** (Diretor); **Pinto da Cunha** (Redator)⁵; **Eduardo**

¹ A coleção da Hemeroteca Municipal não está completa, terminando em Dezembro de 1910.

² Jornal semanal (8 páginas), apareceu a 7/03/1895, como *Órgão da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* (AACP), que tinha sede na rua de S. Paulo, n.º 216, 1.º, em Lisboa. Começou a vender-se a 50 réis (n.º avulso de 8 páginas). A partir de outubro, mantendo ainda o vínculo à Associação, passou a ser propriedade de Anselmo de Sousa e Palermo de Faria, e teve como editor Manuel Augusto Pinto. Em abril de 1898, em resultado da junção da AACP com a Associação dos Atiradores Civis da Estrela, constituiu-se a União dos Atiradores Civis Portuguezes. No que toca ao título da publicação sublinham-se as seguintes alterações: entre junho de 1897 e janeiro de 1900, deixou de constar no cabeçalho que era órgão da AA.C.P.; entre 15 outubro de 1897 e dezembro de 1899, foi *Órgão do Sport Nacional*; em janeiro de 1900, passou a *Revista de Educação Physica e Sport Nacional*, nessa data voltou a constar no cabeçalho que era *Órgão da União dos Atiradores Civis Portuguezes*, e também da *Associação dos Caçadores Portuguezes*; mais tarde juntou-se-lhes a *União Velocipédica Portuguesa* (15/02/1902), a *Escola Nacional de Natação e Associação Protectora da Caça em Tempo Defeizo* (1/01/1903); entre janeiro e março de 1903 a *Associação dos Caçadores Portuguezes* não figurou. De início contou fundamentalmente com a colaboração de altas patentes militares, mas com o tempo foi alargando o quadro de colaboradores e reformulando a sua linha editorial, distribuindo a sua atenção por mais modalidades e interesses, o que explica o sucesso e longevidade que atingiu. À data da sua extinção praticava uma periodicidade quinzenal e vendia-se a 60 réis.

³ Publicação quinzenal (saía nos dias 5 e 20 de cada mês) surgiu a 5 de julho de 1903, sob a direção de Senna Cardoso e Pinto da Cunha. Estava sediada na rua de Santa Justa, n.º 60, 2.º dto., em Lisboa. Era uma publicação para um público seletivo e abonado como atestava o papel couché das páginas (16), sempre ilustradas, e o preço a que se vendia (240 réis/n.º avulso). Saíram apenas 12 números, no último dos quais (30/12/1903), anunciou a fusão. (PINHEIRO: 2012)

⁴ A UACP foi reconhecida como instituição legal e patriótica pelo decreto de 13 de outubro de 1896, e contou com a proteção do rei D. Carlos I, que era seu presidente honorário. A UACP era constituída por uma associação central, em Lisboa, alguns grupos autónomos também da capital, e por uma constelação de filiais regionais e algumas no Ultramar. Cf. n.º 321, 31/12/1905, p.3.

⁵ Eduardo Pinto da Cunha – Escritor e publicista nasceu em Lisboa em 1894, onde morreu em 1948. Colaborou em periódicos como: *Monarquia*, *Ideia Nacional*, *Correio da Manhã*, *Diário da*

de Noronha (Secretariado da redação)⁶; **Senna Cardoso** (redator-gerente)⁷; aos quais se juntou **Cândido Chaves** (Editor responsável)⁸.

De salientar ainda que a *Tiro e Sport*, que é **muito rica em fotografia**, contou com a colaboração regular de **Joshua Benoliel** (1873-1932), mas também publicou trabalhos fotográficos de: Emilio Biel (1838-1915); Julio Novaes (1867-1925); José Pontes (1879-1961); Arnaldo Rodrigues (1868-?); e Julio Worm (1874-1958). Em termos gráficos merecem também destaque as **caricaturas de Francisco Valença** (1882-1962), que foi um colaborador regular, e esporadicamente as de M. Byllon.

Ao longo dos nove anos da sua existência registaram-se algumas mudanças de direção e de propriedade: no fim de junho de 1904, Anselmo de Sousa e Pinto da Cunha deixaram de figurar no cabeçalho a revista⁹; no ano de 1906, Eduardo Noronha e Senna Cardoso adquiriram a propriedade da revista e partilharam a sua direção; no primeiro número de 1907, uma nota de «Expediente» esclarecia que Eduardo Noronha deixara de fazer parte da revista, «o que muito se sente», e que Senna Cardoso era, daí em diante, o único proprietário e diretor; na mesma altura, **Costa Ferreira**, passou a figurar junto ao cabeçalho, na função de secretário da redação, mas no ano seguinte já lá não consta; ainda em 1907, abril, Cândido Chaves abandonou as funções de editor-responsável; a 31 de junho de 1909, **Duarte Rodrigues** assumiu a direção técnica; já depois de implantada a República, a 15 de novembro de 1910, **António Heitor Dias**, assumiu a função de editor; depois dessa data não temos informação, pois a coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa não está completa.

Enquanto foi órgão da *União dos Atiradores Civis Portuguezes* (30/06/1906) a revista esteve sediada na calçada de S. Francisco, 6, em Lisboa;

Manhã, Voz, Sudoeste, Litoral, Panorama, etc.. A *Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira* reconhece nele «um dos últimos representantes de uma maneira de ser elegante, bondosa, extremamente sensível, que definia e dava carácter à autêntica aristocracia portuguesa». Monárquico convicto, participou nas incursões comandadas por Paiva Couceiro e noutros movimentos da contrarrevolução.

⁶ Eduardo de Noronha – Foi jornalista e escritor conhecido, nasceu em Lisboa em 1859, onde faleceu em 1948, mas a *Tiro e Sport* anunciou o falecimento do seu diretor, sr. Eduardo Noronha, no mês de novembro de 1907 (n.º 366), em Madrid, pelo que não podem ser a mesma pessoa ou existirá outra explicação.

⁷ Frederico Carlos de Senna Cardoso (1870-1962) – Foi gerente e mais tarde proprietário de um célebre “Salão de Jogos”, propriedade da firma SENNA, LDA., localizado na rua Nova do Almada, em Lisboa. O estabelecimento foi fundado em 1834, por Alexandre José de Senna. Quando faleceu, em 1880, o salão passou para o seu filho, José Alexandre de Senna, que, em 1897, confiou a gerência ao sobrinho, Frederico Carlos de Senna Cardoso, que a manteve até 1918. Nesse ano, por motivo da morte da viúva de José Alexandre de Senna, Frederico Carlos de Senna Cardoso assumiu a propriedade da sociedade, que passou a designar-se “F.C.de Senna Cardoso”. Consta que foi a primeira casa de venda de artigos desportivos em Portugal e foi nomeada fornecedora da CASA REAL, pelo Rei D. Carlos I. [Cf. <http://www.casasenna.com/historial.htm> Consultado em: 20/03/2014.]

⁸ Cândido Chaves (n. ca de 18--) - Foi diretor e editor de vários jornais, entre 1883 e 1909, como: *Jornal do Povo* (1902-1906); *O Académico*, que “substituiu” a *Folha do Povo* (1880-1902). Este acabou por ser extinto judicialmente por razão da sua orientação socialista.

⁹ Cf. n.º 285, de 30/06/1904.

posteriormente, os escritórios passaram pela rua da Emenda, n.º 36 (até dezembro de 1906) e rua Nova do Almada, 50 (até dezembro de 1910).

Finalmente, quanto à impressão, começou por ser assegurada por uma tipografia sediada na rua de São Paulo, 216; em outubro de 1904, passou para a *Typographia do Annuário Comercial*, primeiro na Calçada da Gloria, 5, depois (30/04/1907) na Praça dos Restauradores, 2, onde se manteve até ao fim de 1910.

A EMPRESA E O PROJETO

A fusão que deu origem à *Tiro e Sport* parece ter decorrido sem percalços e sem perdas, pois no que se refere ao “legado” do *Tiro Civil* observa-se a transição da maioria dos anunciantes, colaboradores e, aparentemente, de leitores. Essa constatação é reforçada pelo facto de a nova revista ter dado continuidade a um artigo iniciado no *Tiro Civil*; e de não ter perdido tempo com explicações sobre o novo programa editorial. Tudo ficara esclarecido nos últimos números dos dois periódicos que se fundiram.

Como então explicou o diretor da *Revista de Sport*, a fusão das duas publicações possibilitava a criação de «uma outra mais complexa, mais vasta, com mais secções, de forma a poder equiparar-se, sem menor receio, às publicações que neste género se publicam no estrangeiro» e, assim, **superar as dificuldades inerentes a um «meio Sportivo tão reduzido como o nosso, que para o assunto não faltar tem que recalcar sempre os mesmos nomes, os mesmos feitos, as mesmas individualidades.»**¹⁰

Portanto, no início do século XX, a prática do desporto em Portugal era ainda uma realidade com fraca expressão social, que começava propagar-se a partir do núcleo onde inicialmente fora cultivado: as elites (nobreza e alta burguesia).

Foi um despertar tardio, por comparação com outros países europeus. Mas o **“fenómeno” do desporto é indissociável da formação das classes médias** e estas, em Portugal, só começaram verdadeiramente a formar-se a partir da Regeneração, em resultado da estratégia de desenvolvimento económico e de modernização implementada por Fontes Pereira de Melo, que impulsionou a industrialização e a expansão do setor terciário, o crescimento das cidades, etc. Um modelo que, apesar das suas limitações, significou uma melhoria das condições da população e, conseqüentemente, acarretou mudanças sociais e políticas significativas.

A génese elitista do desporto é ainda muito perceptível na *Tiro e Sport*, por via das modalidades que começaram por ter maior projeção nas suas páginas – o tiro, a caça, a esgrima, a náutica, a tauromaquia e o hipismo – e que terão sido também as que mais precocemente foram dotadas de uma estrutura

¹⁰ Cf. «Finis», in *Revista de Sport*, de 30/12/1903, p. 2 (PINHEIRO: 2011)

organizativa (clubes, associações, ligas, etc.), atividades regulares, publicações periódicas, e cujos dirigentes provinham também das elites.

Mas progressivamente, outras modalidades mais “modernas”, já então (1904) em expansão – particularmente a ginástica, a velocipedia, a natação, e depois, o automobilismo, o futebol, o pedestrianismo, a luta, o ténis e a patinagem – vão tomando a dianteira e ganhando maior visibilidade.¹¹ A *Tiro e Sport* constitui, pois, uma **fonte de informação incontornável sobre os primeiros anos do movimento desportivo**. Contém inúmeras referências sobre organismos desportivos, seus dirigentes, atividades, entre outras miudezas.

Outros aspetos que delinearam a fusão denunciam o mesmo objetivo de **alcançar um público alargado**, desde logo assegurando a manutenção do universo de leitores das duas publicações, que não seria coincidente de todo.

No último número do *Tiro Civil*, Anselmo de Sousa explicou as novidades resultantes da fusão nestes termos: «O *Tiro e Sport* passa a ter dezasseis páginas no mesmo formato d’O *Tiro Civil*, **profusamente ilustrado** com novas e bem tratadas secções. **Terá duas edições, uma como até aqui, n’este papel, e outra de luxo, em papel couché como a Revista de Sport**. N’estas condições, podemos garantil-o – será a revista de maior alcance, de mais largo futuro e a mais barata que se publica no paiz.»¹² Umas páginas à frente, em caixa publicitária, a «Edição de luxo» apresentava-se enriquecida com uma «capa a cores» e «um brinde, constante de uma página suplementar com um fotogravura artística, ou uma caricatura a cores, devida ao lápis dos nossos mais distintos caricaturistas.»¹³

Cada edição tinha, claro está, um preçário próprio e **a edição em papel couché custava praticamente o dobro da «Edição popular», em papel de jornal**: a primeira, vendia-se por 180 réis e a segunda por 100 réis.¹⁴ Aparentemente, do ponto de vista da linha editorial, das matérias tratadas, as duas edições não se distinguem.

Saliente-se ainda que **para o antigo assinante ou simples leitor do Tiro Civil a reformulação do projeto editorial acarretou um agravamento de preço significativo**, ainda que compensado por um maior número de páginas e uma qualidade gráfica superior¹⁵; enquanto **para o leitor ou assinante da Revista**

¹¹ A Associação Naval de Lisboa, que goza a fama de ser a mais antiga coletividade portuguesa votada à prática do exercício físico, constituiu-se em 1875. No mesmo ano, foi ainda fundado o Ginásio Clube Português.

¹² Cf. «Aos nossos leitores», in *Tiro Civil*, de 15/12/1903, p. 2.

¹³ Cf. *idem*, p. 11. Na coleção disponível na Hemeroteca Digital, os dois primeiros anos (1904-05) pertencem à edição popular, os restantes (1906-10) são da edição de luxo. Não foi possível apurar se as duas edições se mantiveram sempre. As capas não estão presentes.

¹⁴ O prazo de assinatura contemplava apenas a modalidade anual, com distribuição em «Portugal, continente» (3\$600/1\$800 réis); colónias (4\$000/2\$000 réis); estrangeiro (5\$000/3\$000); e «Brazil, moeda portuguesa» (6\$000/3\$600); e número avulso (180/100 réis). A partir de 1908, o preço avulso da edição de luxo baixou para 100 réis (Cf. n.º 369, de 31/12/1907, p. 5).

¹⁵ Semestre: Lisboa – 600 réis; Província – 680 réis; avulso – 60 réis.

de Sport, no que toca ao preço, se verificou exatamente o inverso¹⁶. Para deixar uma ideia mais precisa sobre o preço praticado refira-se que a revista *Ocidente*, de 8 páginas, se vendia então por 120 réis; já o semanário humorístico *Paródia*, também de 8 páginas, ficava por 20 réis; e um jornal, de 4 páginas, como o *Diário Illustrado* (1872-1911), vendia-se avulso por 10 réis. Portanto, podemos concluir que a *Tiro e Sport* não era propriamente um periódico para todas as carteiras, como de resto não o era a prática da maioria dos desportos, que pressupunham a posse de equipamentos, o estatuto de sócio, etc.

Quanto à solução de produzir uma edição popular e outra de luxo, ou procurava acautelar uma expectável perda de leitores vinculados à *Tiro Civil*, ou traduzia, de facto, uma vontade de produzir uma revista de qualidade acessível a novos públicos. Estes coincidiam fundamentalmente com as referidas “classes médias”, uma população predominantemente citadina, que conquistara o seu *status* por via da carreira universitária, militar, do funcionalismo público e da atividade económica.

CONTEXTO

Foi entre essas novas elites liberais que, a partir da década de setenta, se foram alinhando e amadurecendo as mais contundentes críticas ao parlamentarismo monárquico liberal – que denunciavam a corrupção decorrente do caciquismo, o poder asfixiante da máquina administrativa, o despotismo das oligarquias, o favoritismo régio, etc. –, alimentando uma reivindicação de maior participação na vida política; aspirações que de forma crescente, sobretudo a partir do ultimato inglês (1890), foram sendo cativadas pela força mobilizadora do ideário republicano, engrossando as suas fileiras mais radicais.

O **incremento e modernização que a imprensa** então conheceu não foram alheios à propagação das ideias cultivadas pela nova *intelligentsia*. Os periódicos tornaram-se veículos de doutrinação e adquiriram um forte poder interventivo e mobilizador. O apogeu da imprensa aconteceu no período balizado entre o início da “fase industrial” da imprensa, assinalada pela fundação do *Diário de Notícias* (1865), e a implantação da República (1910), quando a oferta e diversidade de títulos disparou, refletindo o ambiente político e social, o crescimento do universo de leitores e diversificação de interesses. Calcula-se que entre 1880-1890, o número de jornais em circulação no país tenha duplicado, passando de 200 para 400 títulos; e que no início do século o fenómeno se tenha replicado, atingindo os 592 títulos, segundo dados recolhidos por Brito Aranha. (SARDICA: 2012) Mais de 40% desses periódicos estavam sedeados nas cidades de Lisboa e o Porto, que somavam cerca de 500 mil habitantes. Mais expressivo ainda, foi o aumento no número de vendas de jornais na capital, registado entre finais de 1860 e os últimos anos da

¹⁶ Ano: Portugal, ilhas e colónias – 4\$800 réis; avulso – 240 réis.

monarquia: que passou de cerca de 50.000 para 300.000 exemplares/dia. (SARDICA: 2012)

Foi, pois, numa fase adiantada desse processo evolutivo expansionista, dominado por um jornalismo de opinião, adverso às velhas e esgotadas instituições e elites monárquicas, que ocorreu o lançamento da *Tiro e Sport*, cujo projeto editorial parece ser norteado para uma missão que transcende a da simples propagação da prática do desporto e dos benefícios que lhe estavam associados: **configurava uma espécie de estratégia salvífica do regime monárquico e da própria Nação.** Uma estratégia que procurou através da prática do desporto **reinventar a imagem do rei D. Carlos I e da sua corte**, conquistando a simpatia e reverência da opinião pública, reabilitando-os como “modelos” para as elites tradicionais e para as novas.

Essa necessidade impôs-se logo no início seu reinado, por força do escândalo do ultimato, que alimentou na imprensa uma campanha muito depreciativa para o prestígio da monarquia e do rei. Nos anos seguintes, D. Carlos procurou ensaiar caminhos e mecanismos que lhe permitissem tomar o pulso à opinião pública e, simultaneamente cultivar uma proximidade que o humanizava. Além da leitura diária da imprensa, o rei fazia passeios por Lisboa, sem escolta, «ia conversando com a *intelligentsia*, procurando cooptá-la para a reforma ou revolução a partir de cima com que nunca desistiu de mudar o país, as instituições e os hábitos.» (SARDICA: 2012)

Enquanto construção iconográfica, o “sportman” terá representado um contributo para essa “revolução a partir de cima”, que, uns anos depois, se procurou dinamizar através da *Tiro e Sport*, e de outros periódicos e iniciativas. Em abono dessa hipótese, destaca-se o «plesbícito» que a revista lançou aos seus leitores e assinantes, no primeiro número de 1906, exatamente com o propósito de o definir, em simultâneo com o de “sport”. De entre as respostas recebidas e apreciadas por um Júri¹⁷ para esse fim constituído, a que foi premiada sentenciava: «**Sporstman** não é, porem, todo aquelle que se dedica ao *sport*: **subsiste ligada a esta expressão uma ideia particular de cavalheirismo, gentileza, distincção de maneiras e intuição artística e esthetica que não pode ser interpretada convenientemente por indivíduos incultos e boçaes**, em quem as noções do *bem*, do *bom* e do *bello* não foram apurados pelos agentes ampliadores do estudo, da pratica e do confronto no convívio de sociedades seleccionadas.» Por isso mesmo o conceito não se applicava àqueles que faziam do desporto profissão, uma vez que «o profissionalismo arrasta ao uso de *trucs* e de violências e que aquelles que o exercem são muitas vezes recrutados nas camadas sociaes menos educadas.». “*Sportsman*” era «**um titulo nobilitante a que devem aspirar todos os cidadãos dos povos cultos**, porque **uma Nação ideal, constituída por uma maioria de *sportsmen***, e apoiada, portanto, no vigor, na galhardia e nas aptidões complexas e estheticas da sua raça, **seria incontestavelmente a mais forte, a mais culta e a mais admirada de todas as nações.**»¹⁸

¹⁷ Sobre a constituição do júri consultar n.º 326, de 15/3/1906, p. 10.

¹⁸ Cf. «O Nosso Plesbiscito: O que é o *Sport*? O que é um *sportman*?», n.º 327, de 31/03/1906, p. 10-11.

Perante esta concetualização gerada em torno do *sportsman*, que a *Tiro e Sport* cultivou com afinco, sob todas as formas e pretextos, não será exagerado afirmar **que os seus dinamizadores procuravam extrair da atividade desportiva uma força anímica capaz de mobilizar os monárquicos, de todos os quadrantes, em defesa das instituições monárquicas e do progresso do país.** A emergência dessa “causa” monárquica remete para o contexto político daquela época, marcado pelo fenómeno das **dissidências partidárias** nos partidos monárquicos. Essa desagregação começou a tomar forma em 1901, quando o **deputado regenerador João Franco rompeu com o partido**, liderado então por Hintze Ribeiro. Afastado da câmara de deputados, na sequência da sua dissolução concedida pelo rei, João Franco **fundou o Partido Regenerador-Liberal** (1903) e andou por todo o país em campanha a denunciar o *rotativismo*, imputando-lhe a responsabilidade pela desordem financeira e moral que atingira a Nação, debilitando e desprestigiando a monarquia portuguesa. O *Diário Illustrado*¹⁹ reportava essas suas incursões, com pormenor, reproduzindo os discursos proferidos e comentando o entusiasmo que geravam. Exatamente no dia em que a *Tiro e Sport* fez a sua primeira aparição, a 15 de janeiro de 1904, João Franco realizou um comício no teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, perante uma assistência de mais «de 100 convivas, alguns agora filiados no novo Centro Regenerador-Liberal».²⁰ Em 1902, foi a vez de **Jacinto Cândido da Silva** (1857-1926), que também fazia parte dos regeneradores, e estava ligado ao movimento nacionalista católico, bater com a porta. Pouco tempo depois, fundou o **Partido Nacionalista** (1903), que também contou com uma estrutura organizativa (centros e periódicos) significativa. Em 1905, a rutura atingiu o Partido Progressista (José Luciano de Castro), com a cisão de **José Alpoim**, então ministro da Justiça. Para baralhar ainda mais as cartas do jogo político, havia ainda o **Partido Republicano** que, dominado ainda pela fação reformista, se disponibilizava para **acordos com os monárquicos** que estavam na oposição, contando que isso lhe trouxesse alguma vantagem.

Daqui resultou uma teia de alianças cruzadas, envolvendo os partidos dissidentes e republicanos, geradora de um ambiente de intriga e maquinação, de permanente desordem social e que não garantia estabilidade aos governos. Mas do ponto de vista político, **o resultado mais gravoso ou perverso dessa fragmentação partidária foi o de expor o rei como «chave do Poder»** (RAMOS: 1994). De facto, quando as alianças se desfaziam, **recaía no rei a responsabilidade de resolver o imbróglio** – suspendendo o parlamento e mantendo o governo; procurando concertar uma aliança que encontrasse apoio no parlamento; dissolvendo o parlamento e convocando eleições – e essa intervenção **fez dele o centro da intriga política e alvo de uma crítica constante e demolidora**, cultivada quer entre os partidos e as fações monárquicas, quer entre os republicanos.

Urgia, pois, reconciliar a Monarquia com os monárquicos e com a Nação, e a atividade desportiva, pela diversidade de representações que condensava, e na

¹⁹ O *Diário Illustrado* encontra-se digitalizado e acessível no *site* da Biblioteca Nacional Digital.

²⁰ Cf. «Propaganda Política. A viagem ao norte – Em Viana do Castello – Novas e importantes adesões – Partida para Braga», in *Diário Illustrado*, de 16/01/1904, p. 1.

medida em que representava um interesse comum, oferecia uma excelente plataforma para esse almejado entendimento, que seria protagonizado por «el-Rey D. Carlos I».

A ideia da **comunhão ancestral entre o rei e o povo modelou o texto de abertura do “primeiro” número da *Tiro e Sport***, e deu o tom aos que se seguiram. Naquele, depois de explanadas algumas reflexões sobre a origem do poder régio, e de uma breve evocação dos reis da II dinastia, sentenciava-se: «el-Rei D. Carlos, identificado com o espírito nacional, é o mais completo exemplar dos reis popularíssimos, que **percorre o paiz tendo por guarda de honra o estranhado affecto de todos os portuguezes**, que, se usa largamente das prerrogativas da sua elevada condição para fazer o bem, nunca, nem uma só vez, usou d’ellas para fazer o mal.» Depois de exaltado como «o primeiro fidalgo na gentileza do seu tracto affavel para os mais obscuros e humildes» e como «o primeiro, o mais intelligente e mais sollicito dos lavradores do paiz, como que a ensinar ao povo como é mister trabalhar desveladamente a terra para d’ella haurir a riqueza inesgotável», D. Carlos I era apresentado como «**o primeiro caçador**, recordando antigas fidalguias da fidalga arte da altenaria; (...) **o primeiro atirador** do paiz, honrando n’esta qualidade a União dos Atiradores Civis Portuguezes com a aceitação da sua presidência honoraria; (...) **o primeiro cidadão portuguez**, (...) um devotado apóstolo de todos os exercícios de agilidade physica, de todas as praticas de *sport*, (...) e **n’esse trabalho em pró da educação muscular, do robustecimento da raça, que se ia enervando**, (...) **sua majestade, alia[va] ao *sport* náutico os proveitosos estudos scientificos da oceanografia**, sendo, como explorador dos profundos abysmos do mar, notado e citado por valiosa autoridade entre as sociedades sabias, que d’esses estudos se ocupam.»²¹

O **prestígio internacional de D. Carlos I** foi outro aspeto que **mereceu a atenção da *Tiro e Sport***, que não deixou de assinalar com pompa a visita das mais altas dignidades da monarquia europeia e não só. Em dezembro de 1904, **Afonso XIII esteve em Lisboa** e a revista salientou a sua dedicação pia, evocando «as duas *Soirées sportivas* em que conseguiu reunir no Coliseu tudo o que há de mais notável na nossa sociedade, trabalhando noite e dia, sem descanso nem fadiga, para conseguir o pecuniário resultado que sua Augusta Mãe já em tempos tinha conseguido na Tapada da Ajuda com a *Kermesse* para a instituição das Creches.»²² No ano seguinte (1905), foi a vez dos **Duques de Cannought** (janeiro); da **Rainha Alexandra de Inglaterra e do Príncipe Carlos da Dinamarca** (março); e do **Presidente da Republica Francesa**, Emile Loubet, que foi o único caricaturado.

Não obstante toda a campanha desenvolvida, os antagonismos foram crescendo e aprofundando-se a partir de **maio de 1906**, quando D. Carlos, confrontado com o pedido do presidente do ministério regenerador, Hintze Ribeiro, para que adiasse a abertura das cortes, decidiu entregar o governo a

²¹ Cf. «El-Rei, in *Tiro e Sport*, n.º 274, de 15/01/1904, p. 1.

²² Cf. n.º 297, de 31/12/1904, p. 2.

João Franco. Este, entretanto, já havia negociado o apoio do Partido Progressista, que ficou consubstanciado no pacto da «concentração-liberal». As eleições realizadas em agosto apenas vieram confirmar o que já fora concertado previamente, mas o arranjo teve vida efémera. Em **abril de 1907**, os progressistas rompem com o partido Regenerador Liberal, de João Franco, e **D. Carlos I**, ao invés de dissolver o parlamento e convocar eleições, **optou por manter João Franco no governo**. Uma aposta que «traduziu a tentativa malograda da “revolução feita de cima” por que há anos a “vida nova” clamava». O rei reconhecia em João Franco «o único político sintonizado com a necessidade de investir no espaço público, na *masspolitik* e no grande jornalismo», a fim de resgatar a monarquia das teias do rotativismo e obstar ao avanço dos republicanos. (SARDICA: 2012)

A ditadura franquista foi explorada na imprensa oposicionista (regeneradores, republicanos, dissidentes), através de uma série de ‘casos’ – “a questão das unhas aduncas cravadas no Tesouro Público”; a “pena do silêncio” como reação à Lei de Imprensa; os adiantamentos à Casa Real, etc. –, de molde a inflamar a opinião pública e a levantar protestos nas ruas, que as forças da ordem reprimiram com violência. Até mesmo **nas páginas da *Tiro e Sport*, que nada queria com a política, ecoaram alguns comentários**, contidos e de laivos ambíguos, sob a forma de umas crónicas, intituladas «Cartas a um amigo de África», redigidas por um sugestivo «João Serôdio»: «Escrevo-te deste paiz da dictadura aos fins do mez de dezembro, um dezembro de chuva e lama. Pouco te importa a política eu sei; é-te tão indiferente que os rotativos continuem votados ao ostracismo como o que se passa na lua e ainda menos te importa, também o sei, que o inverno tenha corrido rigoroso e que esta cidade de mármore e lixo, como lhe chamava o saudoso Eça de Queiroz, esteja a estas horas convertida em cidade de mármore e lama. Por isso, eu porei de parte quaisquer considerações que porventura tivesse em mente fazer-te sobre esses assuntos e vou passar a explicar o que se fez de novo ultimamente na nova Olyssippo em matéria de desportos.» Fazia então relato de um jogo de *Rugby*, uma novidade em terras portuguesas, para concluir em tom de desabafo: «O *Rugby* não é para nós, pelo menos por enquanto. Quando um dia essa sabia educação physica, objecto de tanta palestra nossa, fôr inteligentemente ministrada, com sciencia e consciência dirigida, e o portuguesinho fadistolla tiver aprendido a educar a vontade, a dominar os nervos e a corrigir aqueles vícios d’ atavismo galante que o tornam socialmente um malcriado, intelectualmente um tolo, e physicamente um bonifrate, então sim, então talvez se possa jogar o Rubgy, que com toda a sua violência, com toda a sua ferocidade, não é senão um excelente processo educador de caracteres e morigerador de costumes.»²³

A espiral de agitação que marcou a “ditadura” teve por desfecho o **assassinato do rei D. Carlos I e do príncipe D. Luís Filipe, a 1 de fevereiro de 1908**. Tragédia que a *Tiro e Sport* tratou com uma certa frieza (de inspiração britânica?), fiel ao seu nojo político, limitando-se a assinalar a «enorme perda [que] acaba de soffrer o meio desportivo portuguez com a morte de dois

²³ Cf. n.º 370, de 10/01/1908, pp. 7-8.

ardentes cultores dos exercícios phisicos, El-Rei D. Carlos e sua Alteza o Principe D. Luiz Fillpe.»²⁴

A partir do regicídio a “agonia” do regime monárquico acelerou-se. João Franco, sobre quem recaiu a responsabilidade moral do regicídio, exilou-se. Seguiu-se-lhe o ministério do almirante Ferreira do Amaral, que procurou trazer a «acalmção» ao reino, mas nas fileiras republicanas recrudescia a urgência revolucionária. Em menos de dois anos a República estava instaurada em Portugal. A *Tiro e Sport* sobreviveu-lhe, procurou adaptar-se, mas sem irradiar o otimismo dos primeiros anos, pois a sua missão gorara-se no dia 10 de Outubro.

ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDOS E COLABORADORES

A *Tiro e Sport* manteve, ao longos anos, uma estrutura organizativa (secções) mais ou menos estável, e cultivava vários géneros de escrita jornalística (notícia, artigo de informação, crónica, comentário, opinião, humor, etc.). Assim, e para dar uma panorâmica da riqueza informativa da *Tiro e Sport*, refira-se que, além da “notícia” que fazia a primeira página, e que podia versar sobre uma personalidade, um organismo desportivo, uma modalidade, a revista apresenta as seguintes secções: «**Tiro Nacional**» (que tratava de assuntos da Associação dos Atiradores Cívicos); «**Actualidades**» (diversas matérias); «**Azul e Ouro**» (sociedade), que em 1907 foi substituída por «Castellos e Flores de Liz»; «**Medalhões artísticos**» (sociedade); «**Sala das Pérolas**» (sociedade); «**Sciencias, Artes e Letras**», que em 1906 deu lugar a «Theatros, circus, arenas e velódromos»; «**Sports**» (referenciada às diversas modalidades: «Venatoria», «Nautica», «Esgrima», «Educação Physica», «Automobilismo»; «Hippismo», «Jogos Atleticos», «Jogos», «Taoromachia», «Cyclismo», «Velocipedia», «Excursionismo», etc., e que incluía ainda uma «**Chronica internacional**» e «**O Tiro e Sport no Brasil**»); «**Mosaico**» (“curtas” predominantemente sobre desporto); «**Chronicas musicaes**», da autoria de «Alfredo Pinto (Sacavem)» (1874-1945) – iniciam no n.º 345, 31/12/1906)²⁵; «**Secção Literária** (inicia com a publicação de «Eterna Noite – romance histórico, escripto expressamente para esta revista por J. Bivar de Sousa» – n.º 350, 15/3/1907); «**Cousas d’Arte**»; e «**Expediente**».

Destaque ainda para a **grande campanha de divulgação do Futebol**, iniciada em 1906, no quadro da qual são divulgadas as «Leis do jogo» da *Foot-ball Association* (que teve início no n.º 337, 31/08/1906).

²⁴ Cf. n.º 373, de 10/02/1908.

²⁵ No ultimo número de 1906 (n.º 345, p. 9), quando foi publicada a primeira crónica musical, a «Tiro e Sport» fez questão de enfatizar o regozijo que advinha da «collaboração effectiva e obsequiosa d’um dos nossos distinctos críticos musicaes o Ex.^{mo} sr. Alfredo Pinto (Sacavem) que com o pseudónimo de João Derstal firmou as magnificas e imparciaes criticas publicadas o anno passado no jornal A OPINIÃO (...)».

A *Tiro e Sport* contou com **um leque de colaboradores muito vasto** e que foi conhecendo variações ao longo do tempo. Muitos deles são militares, professores, médicos, que não terão chegado a sair do anonimato. Outros assinam com nomes incompletos, siglas e pseudónimos, de difícil identificação. A listagem que se segue não é exaustiva, mas contempla os autores mais conhecidos ou que mantiveram uma colaboração mais regular e duradoura (também ficaram assinalados os casos de identificação duvidosa): Carlos Abreu (1868-1952); Zacarias d’Aça (1839-1908); Roque Ferreira d’Aguiar; Pedro Ribeiro d’Almeida; Mário Sant’Anna; Carlos A. Xavier d’Andrade; Egas Moniz Barreto de Aragão (1870-1924); António Manuel da Cunha Bellem (1834-1905); Alvaro Cabral (1865-1918?); Carlos Calixto (1863-1913); M. Pinheiro Chagas (1842-1895); Dr. Jorge Cid (1877-1935), Flavio Constante; Fernando Correia; tenente J. C. (tenente Joaquim Costa, 1857-1950); Pedro Xavier da Cunha (1840-1920); Escamon; Palermo de Faria; Ardisson Ferreira (Augusto Ardisson Ferreira, 1873-1932); L. F. Marrecas Ferreira (Luis Filiciano Marrecas Ferreira, capitão de engenharia e professor da escola do exército); FRANCIS; Ricardo Garcia Y Gomez; Alvaro Pereira de Lacerda; Camara Lima (Teotónio Simão da Câmara Lima (1868-1928?); Bernardino Machado (1851-1944); Nobre Martins; António Pinto Martins; A. Monteiro; Wenceslau de Moraes (1854-1929); Pedro Normal; Raúl Nunes; Ramalho Ortigão (1836-1915); João Pacifico (pseud. de Frederico Gavazzo Perry de Vidal, 1889-1953); Villar du Paçô; Alberto Pimentel (Alberto Augusto de Almeida Pimentel, 1849-1925); Annibal Pinheiro; Alfredo Pinto (Sacavem) (1874-1945); Pollux (pseud. de Alberto de Oliveira, 1873-1940); Stolen Rabit; Fernando Reis; Arnaldo Rodrigues; Eduardo Romero (1888-1939); João Seródio (pseud. do 1.º Conde de Sabrosa, José Gonçalves Guimarães Seródio, 1855-1937); Augusto Filippe Simões (1835-1884); J. Bivar de Sousa; D. António Lobo da Silveira (1875-1946); Jaime Vasconcelos Thompson; Nicolau Tolentino; Tony; Henrique de Vasconcelos; Vicentius; e Carlos Villar.

Por último, referira-se que a *Tiro e Sport* contou sempre com um número significativo de anunciantes de diversas áreas e que foi crescendo. Alguns estão relacionados com o desporto, outros são sinais do progresso e modernidade que se buscava para o país, mas também há artigos mais banais. Temos então: aparelhos de ginástica; equipamento de desporto; bicicletas; bicicletas; tónicos musculares; salão de jogos; *stands* e representantes de automóveis (*Auto Palace*; *Oldsmobile*; *Peugeot*); empresa Insulana de Navegação; artigos fotográficos; aparelhos de música (*Grandphone*); sociedade de concertos e escola de música; consultórios dentários; artigos de higiene; seguradoras; livraria Ferin; encadernações; casa Campião & C.^a; Brasileira; Pastelaria Marques; tinturarias; lavandarias; enxovais – roupa branca; roupa feminina; alfaiates; ourivesarias; vinhos; mobiliário, entre outros.

Rita Correia

Lisboa (Hemeroteca Municipal), 22 de abril de 2014

BIBLIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

RAMOS, Rui - «A Segunda Fundação (1890-1926)», in *Historia de Portugal*, dir. José Mattoso, 6.º Vol. Lisboa, Círculo de Leitores: 1994.

PINHEIRO, Francisco - *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Lisboa, Edições Afrontamento: 2010.

MELO, Victor Andrade de - «Esporte e artes plásticas em Portugal: Amadeo de Souza-Cardoso», in *Revista Portuguesa Ciências do Desporto*, V.10, n.1 Porto: 2010, pp. 191-199. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232010000100008&script=sci_arttext [Consultado em: 20/03/2014]

SARDICA, José Miguel - «O poder visível: D. Carlos, a imprensa e a opinião pública no final da monarquia constitucional», in *Análise Social*, 203, XLVII (2.º), 2012, p. 344-368.